



**GT - 01**

### **3. OS MARACATUS NAÇÃO PERNAMBUCANOS NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO**

*Anna Beatriz Zanine Koslinski \**

#### **Resumo**

Os maracatus-nação pernambucanos são um exemplo atual de resistência e diversidade cultural no mundo globalizado, fazendo questão de afirmar suas identidades pela diferença e legitimar seus valores pela tradição. A manifestação é composta de um cortejo real com música e dança muito presente nas comunidades de periferia, tendo sua origem incerta, o que dá margem para o surgimento de debates acerca de sua tradição. Este artigo tem por objetivo analisar o contexto dos maracatus-nação no mundo globalizado. Para isso discutiremos o fenômeno da globalização e suas conseqüências no mundo contemporâneo, faremos um breve histórico dos maracatus-nação e como eles se apresentam nos dias atuais e por fim demonstraremos de que maneira os valores impostos pelo mundo globalizado interferem na organização dos maracatus-nação e em sua relação com a sociedade mais ampla.

**Palavras-chave:** Globalização; resistência cultural; Maracatus Nação; tradição; consumo.

#### **Abstract**

“Maracatus Nação” from Pernambuco are a current example of resistance and cultural diversity in the globalized world, emphasizing their identities by difference and legitimizing their values by tradition. The cultural manifestation is composed by a royal courtship with music and dance and it takes place mainly in poor neighborhoods communities. Its origins are not certain, so, the debate among its traditions is something frequent. This article intends to analyze the context of maracatus-nação in the globalized world. In order to reach that goal we will discuss the globalization itself, make a brief discussion on maracatus-nação history and their current format and finally we will show in which ways the values of the globalized world interfere on the organization of such groups and their relation with the rest of the society.

**Keywords:** Globalization; cultural resistance; Maracatus Nação; tradition; consumption.

\* Pesquisadora em Comunicação Social. [biazk@hotmail.com](mailto:biazk@hotmail.com)



## América Latina, Globalização e Cultura

### *Introdução*

Sabemos que no mundo globalizado surgiu uma nova ordem de diversidade com diversos focos de resistência cultural. Muitos desses focos fazem questão de afirmar suas identidades pela diferença e legitimar seus valores pela tradição. Em Recife e arredores temos os maracatus nação como exemplos desse fenômeno.

Maracatu nação é uma manifestação cultural afro-brasileira composta de um cortejo real com música e dança muito presente nas comunidades de periferia. Sua origem é incerta, mas os primeiros registros da manifestação datam do século XVIII, o que dá margem para o surgimento de debates acerca de sua tradição. Este artigo tem por objetivo analisar o contexto dos maracatus nação pernambucanos no mundo globalizado.

A discussão será feita da seguinte maneira: primeiro discutiremos o fenômeno da globalização e suas consequências no mundo contemporâneo, em seguida faremos um breve histórico dos maracatus nação e como eles se apresentam nos dias atuais e por fim demonstraremos de que maneira os valores impostos pelo mundo globalizado interferem na organização dos maracatus nação e em sua relação com a sociedade mais ampla.

### *Globalização*

Na atualidade é muito difícil entender o que acontece na sociedade contemporânea sem mencionarmos o fenômeno da globalização. Mas em que consiste a globalização?

Thomas Eriksen a define sumariamente como “qualquer processo que torne irrelevante a distância geográfica entre os locais”<sup>1</sup>. Realmente com o advento da internet e de outras novas tecnologias, distâncias que levavam dias para serem percorridas hoje levam segundos. Nesse sentido a globalização não diminuiu somente as distâncias geográficas mas encurtou também as distâncias temporais.

Entender quando esse processo começou não é algo simples, muitos teóricos possuem divergências quanto ao seu início. Stuart Hall, por exemplo, localiza o início da globalização em si na década de 70, para ele foi nesse período que surgiram esses “processos atuantes em escala global, processos que atravessam fronteiras nacionais e que integram comunidades e organizações em novas combinações de espaço e tempo, tornando o mundo mais interconectado”<sup>2</sup>.

Hoje observamos que existem pouquíssimas culturas que estejam realmente isoladas. Deste modo seria previsível que ocorresse uma homogeneização das culturas a nível global visto que os va-





## América Latina, Globalização e Cultura

lores ocidentais são impostos de maneira constante através da mídia e das relações econômicas, mas, do contrário o que observamos é o surgimento de diversos focos de resistência cultural. Nesta sessão buscaremos entender o porquê dessa tendência.

A globalização é um fenômeno que atua no mundo inteiro mas de forma desigual. Ela impõe uma série de valores e estilos de vida a nível global mas não permite o acesso disso a todos. As distâncias espaciais e temporais foram encurtadas, gerando grande mobilidade para as elites enquanto que os pobres se vêem cada vez mais isolados em sua localidade, sendo proibidos de estar em certos espaços. O consumismo é outro valor imposto pela globalização que acentua as desigualdades sociais.

Para obter seu lucro o mercado produz uma grande quantidade de bens e, com a ajuda da mídia, por exemplo, cria uma demanda para que esses bens sejam desejados e consumidos. A mídia, por ser um meio de comunicação de massa, atinge todas as classes sociais mas, apenas uma pequena parcela da sociedade tem condições para consumir os bens exibidos.

Observamos até então que a globalização é um fenômeno altamente excludente e é exatamente isso que explica os focos de resistência cultural. Num

mundo que lhes é hostil é compreensível que as minorias tentem se afirmar pelo que são e resistir às imposições externas ao invés de aceitá-las passivamente.

Porém na sociedade globalizada, como já observamos não há como o “local” ignorar as pressões globais, portanto o que ocorre é uma articulação entre o “local” e o “global”. Para Eriksen “o surgimento desses ‘focos de resistência’ não seria uma reação à globalização mas sim um de seus efeitos, para ele a globalização cria as condições para a localização, fenômeno que Roland Robertson chamou de glocalização”<sup>3</sup>.

Passemos o foco agora para os maracatus nação pernambucanos para em seguida compreender como eles se articulam com as demandas da globalização.

### *Os Maracatus Nação Pernambucanos*

Hoje os maracatus-nação de Pernambuco estão com presença cada vez mais marcante na cidade do Recife e arredores. No entanto nem sempre foi assim; no início do século XX os poucos intelectuais que escreveram sobre os maracatus alertavam para o seu desaparecimento. Isso ocorria porque a manifestação era vista como uma sobrevivência cultural dos tempos da escravidão, ou seja, como algo que já não fazia mais sentido num mundo onde não existiam mais escla-





## América Latina, Globalização e Cultura

vos. Além disso, na época imperava no país uma ideologia do branqueamento o que fazia com que as manifestações afro-descendentes fossem vistas como sendo inferiores, sinal de barbárie etc.

Além disso, no estado de Pernambuco durante as décadas de 30 e 40 houve uma forte perseguição aos terreiros das religiões afro-descendentes o que fez com que muitos maracatus servissem de disfarce para que os adeptos dessas religiões cultuassem suas divindades<sup>4</sup>.

Esses fatos nos revelam que até então existia na sociedade recifense uma visão negativa em relação à cultura negra. Esse paradigma só começou a mudar a partir de meados dos anos 40 quando os modernistas passaram a colocar a cultura popular e a identidade regional como assuntos relevantes para a academia.

Nesse mesmo período a ideologia do branqueamento foi substituída pelo elogio à mestiçagem realizado por intelectuais como o sociólogo Gilberto Freyre o que também contribuiu para uma maior aceitação da cultura negra por parte da sociedade mais ampla. Ainda assim, apesar do súbito interesse de alguns intelectuais pela cultura popular, em Recife, na década de 60 observou-se uma diminuição drástica no número de nações de maracatu.

O que teria ocorrido então para

que os maracatus-nação ressurgissem na década de 80 e se firmassem com força total na década de 90? Uma série de fatores contribuiu para essa realidade.

Primeiramente não podemos nos esquecer do esforço que grupos de militância étnica, como o Movimento Negro Unificado realizaram a nível nacional para a concretização da consciência negra. Esses grupos tiveram um papel fundamental para a valorização da cultura negra no Brasil. O surgimento da indústria cultural na década de 70 é outro fator que não pode ser ignorado.

A partir desse momento a cultura passou a ser compreendida como algo vendável, ou seja, como mais um produto a ser consumido. Nesse contexto é que surge o termo “cultura de massa” que seria aquele tipo de cultura feita para ser consumida, produzida para fins de mercado. Alguns estudiosos chegaram a prever que a cultura de massa acabaria com o espaço da cultura popular.

O caso dos maracatus-nação não segue a previsão pois, mesmo hoje, eles não atingiram um contingente tão grande de consumidores a ponto de serem considerados como cultura de massa mas, como veremos mais adiante, eles não ignoraram essa lógica da indústria cultural, e tentam conquistar seu espaço no mercado também.





## América Latina, Globalização e Cultura

O surgimento de grupos como o Maracatu Nação Pernambuco e a banda Chico Science e Nação Zumbi também precisa ser levado em consideração para a compreensão da atual cena dos maracatus nação pernambucanos.

A Nação Pernambuco foi fundada em 1989 por pessoas da classe média recifense e olindense e trabalha com elementos percussivos e performáticos dos maracatus nação tradicionais já a banda de Chico Science é famosa por misturar elementos de manifestações populares como o côco, a ciranda e o maracatu ao som do rock. Os dois grupos em questão ajudaram a projetar o maracatu não só no Brasil mas também em outros países do mundo fazendo com que pessoas de fora de Pernambuco também conhecessem a manifestação.

Por fim não podemos ignorar os investimentos dos órgãos públicos para a valorização da cultura popular pernambucana dentre eles a criação de concursos entre as agremiações carnavalescas (incluindo os maracatus nação) com prêmios em dinheiro, o que estimula os grupos a continuarem com suas atividades, e o investimento por parte da indústria de turismo que vê na cultura popular mais um atrativo na cidade.

Hoje na cidade de Recife e arredores existem mais de trinta nações de maracatu, todas situadas em comu-

nidades carentes e em sua maioria com vínculo as religiões afro-brasileiras. A situação desses grupos não é fácil, a verba para a realização de seus cortejos e para a confecção de instrumentos e adereços é pouca, ou seja, apesar de sua recente valorização os maracatus-nação ainda passam por algumas dificuldades.

Além dessas nações existe também em Recife uma série de grupos percussivos, que são grupos que tocam o “batuque” do maracatu, na maioria das vezes sem possuir uma corte e nem vínculo religioso ou com comunidades. Esses grupos são compostos por pessoas de classe média e geralmente ensaiam no centro de Recife ou Olinda. A existência desses grupos percussivos é um dado interessante que mostra como a manifestação está ganhando visibilidade e sendo apropriada por outras classes.

Todas essas medidas para a valorização da cultura popular em Pernambuco, acabou trazendo consigo uma valorização de tudo aquilo que é tradicional. Deste modo, quanto mais tradição tiver um grupo, maior legitimidade ele terá para enfrentar outros grupos durante o carnaval e mais prestígio ele terá em relação às autoridades e aos outros grupos também.

Um bom exemplo para se entender o valor que a tradição tem nos maracatus de Recife é o caso da Nação do







## América Latina, Globalização e Cultura

Maracatu Porto Rico. O grupo, que hoje está localizado na comunidade do Bode, se diz descendente do antigo Maracatu Porto Rico que tinha sede no bairro de Água Fria sob o comando de Zé da Ferida que foi extinto em meados da década de 50. Em 1967 este maracatu teria sido restaurado por Eudes Chagas com o nome de Porto Rico do Oriente e, após a sua morte teria sido resgatado, em 1981, por Elda Viana, atual rainha da nação.

O problema dessa história, primeiramente, é que ela carece de comprovação documental; além disso existiam diversos grupos homônimos no início do século XX o que dificulta a suposta continuidade do atual Porto Rico com o antigo Porto Rico de Água Fria. Para finalizar o próprio Eudes Chagas, ao fundar seu maracatu, alegou ter colocado o complemento “do Oriente” para diferenciar seu grupo dos outros Porto Ricos que o precederam, ou seja, ele mesmo negava essa continuidade que é afirmada pelos líderes do atual Porto Rico. Deste modo é preciso entender o porquê deste tipo de atitude, ou seja, com que propósito a tradição é enfatizada.

Desde Hobsbawn e Ranger sabemos que a tradição “legitima uma instituição, o status e as relações de autoridade” e tem como um dos propósitos a “socialização, incubação de idéias, sistemas de valores e padrões de comportamento”<sup>5</sup>. Deste modo entendemos que

a tradição no grupo estudado legitima o próprio grupo já que lhe confere antiguidade e um espaço na história, legitima a estrutura social e hierarquias e contribui muito para a coesão do grupo que se sente importante e valorizado, dando um sentido a sua existência.

Após o seu período de decadência os maracatus que ressurgiram precisaram se prender a uma tradição jogada no passado para poderem legitimar sua existência e serem considerados autênticos. Os grupos buscam no passado um sentido para o presente pois aos olhos dos próprios grupos e das autoridades um maracatu recente não tem o mesmo valor que um maracatu antigo, fundado pelos descendentes diretos de escravos e que preserva e respeita a “tradição”.

O problema é que devido ao quase desaparecimento dos maracatus na década de 60 e aos poucos registros documentais em relação a como eram configurados os grupos no passado muita coisa se perdeu, ninguém sabe ao certo como era o maracatu nos séculos XVIII ou XIX e até mesmo do início do XX.

Sabemos que a cultura é algo dinâmico então é provável que ao longo dos anos muita coisa tenha mudado; ainda assim a ânsia de uma busca pelo tradicional e autêntico fez com que mestres de maracatus buscassem ajuda nos poucos livros existentes sobre o assunto para ten-





## América Latina, Globalização e Cultura

tar entender como eram feitos os maracatus de antigamente, mantendo-se fiéis a tradição, ao original e autêntico. Outro recurso utilizado na busca do autêntico são as práticas passadas pela tradição oral, que não precisam necessariamente de comprovação histórica mas que estão ali fincadas na estrutura dos grupos.

### *A comercialização dos Maracatus Nação*

Observamos que os maracatus nação estão sempre procurando se articular com as demandas do mundo globalizado para conquistar seu lugar ao sol. Para isso eles se favorecem da lógica do turismo e da indústria cultural. Thomas Eriksen é enfático ao afirmar que nesses últimos anos tem havido um deslocamento do discurso das minorias culturais; se antes elas se afirmavam com fins políticos, em busca de direitos mais igualitários em relação à sociedade mais ampla agora seu discurso se tornou comercial<sup>6</sup>.

No caso da Nação Porto Rico podemos observar que ao mesmo tempo em que ela possui um discurso que afirma sua religiosidade, afro descendência, tradição, enfim, suas diferenças com fins de reconhecimento pela sociedade ela também utiliza esses mesmos fatores para vender sua cultura como produto. O discurso da tradição nos maracatus-nação é algo extremamente estimulado pelos órgãos que administram a cultura e o turismo na cidade de Recife e arredores,

ou seja, ser tradicional traz vantagens para os maracatus assim como para esses órgãos públicos. Isso demonstra que os maracatus-nação não aceitam passivamente as imposições do mundo global; eles articulam essas demandas a seu favor e se utilizam do prestígio que estão conquistando aos poucos para obter o que desejam.

A diversidade cultural se tornou uma mercadoria no mundo globalizado e a impressão que se tem é que num mundo movido pelo consumo a única forma de proteger a cultura é vendendo-a, é inserindo a mesma dentro dessa lógica<sup>7</sup>. Aí entra a questão de quem tem legitimidade para vender essa cultura. A princípio para se vender uma apresentação ou oficina de maracatu é preciso provar que faz parte de um determinado grupo, ou seja, a comercialização da cultura tem interferência direta na construção de identidade do grupo, delimitando suas fronteiras. As “coisas” que um grupo possui carregam sua identidade, deste modo aquilo que é transformado por eles em mercadoria também carrega.

Em *A Vida Social das Coisas*, Appadurai já deixa claro que o que determina se algo pode ou não ser concebido como mercadoria são as relações e representações sociais, ou seja, os significados que os bens possuem são atribuídos socialmente. Por essa razão os bens são comunicadores de valor cultural, indicando





## América Latina, Globalização e Cultura

status e outras relações sociais. Quando um grupo cultural põe a venda coisas que são retratos de sua identidade e relações sociais ele se arrisca a transformar suas relações sem se dar conta que isso acontece. O consumo é algo que interfere na configuração da sociedade estabelecendo hierarquias e revelando algo sobre os sujeitos, suas famílias, cidades e redes de relações. Portanto o consumo se torna um fenômeno chave para se entender as relações sociais.

Mary Douglas realiza essa discussão na obra *O Mundo dos Bens* onde critica os postulados da economia neoclássica centrados no utilitarismo, racionalidade e maximização de ganhos. Para a antropóloga o consumo não é algo meramente utilitário, não é a simples satisfação racional de necessidades práticas e orgânicas e, ao mesmo tempo não é totalmente irracional; as pessoas não consomem de acordo com motivações que dizem respeito apenas a imitar o gosto das classes mais altas.

A autora também não vê o consumo como alienação, estupidez, futilidade ou insensibilidade à miséria. Ela vê o consumo como um sistema de significação que supre a necessidade simbólica, evidencia categorias culturais. Ele é algo ativo no dia a dia, regulando relações sociais, construindo identidades. Além disso o consumo é um meio de ordenar, selecionar e classificar as coisas no ato da

escolha, dando um sentido ao mundo<sup>8</sup>.

Precisamos entender agora o que acontece quando os maracatus-nação transformam sua cultura em algo para ser consumido por todas as classes, principalmente pelas elites e de que maneira essas atitudes podem mudar a organização social de um grupo. Tomemos novamente o caso da Nação Porto Rico, que é um dos grupos de maior visibilidade em Recife. O que mudou no grupo a partir do momento que os maracatus da cidade passaram a ser compreendidos como um tipo de mercadoria? Primeiramente foi a inserção de pessoas de classe média dentro do grupo.

Na cidade de Recife e arredores como um todo tem se observado um gigantesco número de grupos percussivos compostos em sua maioria por brancos das classes média e rica. Como já observamos esses grupos não estão vinculados a comunidades ou religiões afro-brasileiras, e na maioria das vezes não possuem uma corte real, ou seja, não são maracatus nação legítimos. Algumas pessoas tentam se diferenciar dos percussionistas desses grupos ao participarem de maracatus nação legítimos. Ao “consumirem” um maracatu autêntico eles se colocam numa posição superior aqueles que estão nos grupos percussivos, pois estão aprendendo o batuque com os verdadeiros mestres.







## América Latina, Globalização e Cultura

Esse tipo de inserção é muito recente. Até um tempo atrás apenas pessoas negras tocavam nos maracatus e alguns mestres, como o falecido Luís de França do Maracatu Leão Coroado, eram terminantemente contra a presença dos brancos no batuque, encarando a atitude como uma deturpação da manifestação.

A primeira mudança visível em todas as nações que abriram suas portas para a classe média foi a presença de mulheres tocando os tambores. Antigamente era permitido somente aos homens assumirem esse posto enquanto que as mulheres dançavam. Hoje em dia as mulheres podem fazer parte da bateria mas é interessante perceber que, apesar de não serem proibidas, as mulheres residentes nas comunidades não tocam os tambores, preferindo em seu lugar os agbês. As mulheres que escolhem o tambor são as de fora, as brancas de classe média. O único grupo que até hoje não aceita mulheres no batuque é o Estrela Brilhante de Igarassu que se considera o mais antigo e tradicional dos grupos com fundação em 1824.

A presença da classe média também alterou a configuração étnica dos grupos. A grande maioria dos participantes de fora prefere se integrar ao batuque a que a corte e no Maracatu Porto Rico, por exemplo, observamos que hoje pelo menos a metade dos batuqueiros pertencem

à classe média. Isso foi possível porque o mestre Chacon Viana, ao observar o interesse dessas pessoas em fazer parte do batuque, organizou oficinas de maracatu que acontecem todos os fins de semana no centro da cidade. Essas oficinas são pagas, gerando renda para o mestre e também adequando os batuqueiros de fora ao padrão técnico exigido por ele.

O grupo em questão tem uma vivência religiosa muito forte visto que sua sede se localiza num terreiro e sua Rainha é uma Yalorixá e 90% dos membros residentes na comunidade participam das atividades religiosas. O próprio mestre do referido maracatu, Chacon Viana já afirmou diversas vezes que o maracatu é o candomblé na rua, ou seja, ele não separa o folguedo da religião. A parte religiosa também sofreu algumas mudanças com a presença de pessoas de classe média pois obrigações e matanças que antes eram proibidas de serem assistidas por pessoas de fora da religião agora são abertas. Na obrigação para o carnaval, por exemplo, os batuqueiros de fora são inclusive estimulados (mas não obrigados) a participar.

Todas essas atitudes são um reflexo do que o mundo globalizado, que privilegia o consumo pode fazer. O consumo estabelece novos tipos de hierarquias e relações sociais; os maracatus-nação comercializam sua cultura para obter seus lucros e poder consumir também





## América Latina, Globalização e Cultura

estabelecendo novas relações com as outras classes com quem antes tinham uma relação de subserviência. A lógica do consumo fez com que dentro dos maracatus-nação os pobres estejam no topo da hierarquia enquanto que a elite está na base pois ela está lá para aprender e não para ensinar.

### Conclusão

A globalização sem dúvida nenhuma modificou todo tipo de relações sociais e identidades em escalas inimagináveis.

Sua força é tão grande que nada escapou a sua influência e imposição de valores.

O que observamos no entanto é que as minorias, aquela gente que não tem o acesso às maravilhas do mundo globalizado não aceitou passivamente suas pressões, articulando com as novas demandas em benefício próprio, tentando conquistar seu espaço e reafirmando suas diferenças.



### Referências bibliográficas

APPADURAI, Arjun. *The Social Life of Things*. Cambridge University Press,

1999.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: As Conseqüências Humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

\_\_\_\_\_. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, B. *The World of Goods: Towards an Anthropology of Consumption*. London: Routledge, 1996.

ERIKSEN, Thomas Hylland. *How Can the Global Be Local? Islam, the West and Globalization of Identity Politics* in: HEMER, Oscar; TUFTE, Thomas (orgs.). *Media and Glocal Change-Rethinking Communication for Development*. Buenos Aires: CLASCO, 2005.

HALL, Stuart. *Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 11ª Edição, 2006.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LIMA, Ivaldo Marciano de França; GUILLEN, Isabel Cristina Martins. *Os Maracatus-Nação do Recife e a Espetacularização da Cultura Popular (1960-1990)* in: *Cultura Afro-Descendente no Recife: Maracatus Valentes e Catimbós*. Recife: Edições Bagaço, 2007.

REAL, Katarina. *Eudes, o Rei do Maracatu*. Recife: Editora Massangana, 2001.





---

**Notas**

<sup>1</sup> ERIKSEN, Thomas Hylland. *How Can the Global Be Local? Islam, the West and Globalization of Identity Politics* in: HEMER, Oscar and TUFTE, Thomas (editors). *Media and Glocal Change-Rethinking Communication for Development*. Buenos Aires: CLASCO, 2005, p. 26.

<sup>2</sup> HALL, Stuart. *Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 11ª Edição, 2006, p. 67.

<sup>3</sup> ERIKSEN, Thomas Hylland. *How Can the Global Be Local? Islam, the West and Globalization of Identity Politics* in: HEMER, Oscar and TUFTE, Thomas (editors). *Media and Glocal Change-Rethinking Communication for Development*. Buenos Aires: CLASCO, 2005, p. 28.

<sup>4</sup> LIMA, Ivaldo Marciano de França e GUILLEN, Isabel Cristina Martins. *Os Maracatus-Nação do Recife e a Espetacularização da Cultura Popular (1960-1990)* in: *Cultura Afro-Descendente no Recife: Maracatus Valentes e Catimbós*. Recife: Edições Bagaço, 2007.

<sup>5</sup> HOBBSBAWN, Eric e RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 17.

<sup>6</sup> Informação concedida por Thomas Hylland Eriksen durante a palestra intitulada “Modern and Postmodern Ethnicity: About Politics, Tourism and the Power of Identity” proferida na III Jornada de Estudos Sobre Etnicidade de Pernambuco realizada na UFPE nos dias 4,5 e 6 de novembro de 2009.

<sup>7</sup> Idem.

<sup>8</sup> DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, B. *The World of Goods: Towards an Anthropology of Consumption*. London: Routledge, 1996.

